

O Problema da Favela

AUGUSTO LUIZ DUPRAT

ESCREVEU, certa vez, o grande VIEIRA que:

Para conseguir efeitos grandes e para levar a cabo empresas dificultosas, mais segura é uma ignorância bem aconselhada, que uma ciência presumida.

Confiante na segurança de uma ignorância bem aconselhada e no desejo de servir, foi que ousei escrever sobre o tão decantado problema das favelas. Estas favelas que são tão criticadas, tão malsinadas, — tão degradadas, tão mal estudadas, tão mal assistidas e de que, no fundo, todos nós temos medo. Não devemos ter medo das favelas; devemos, sim, ter medo de não cumprir o nosso dever: procurando, por todos os meios ao nosso alcance, minorar a situação dessas escolas de vício; procurando auxiliar os que necessitam de auxílio a prescindirem dêle; procurando dignificar o homem; procurando levantar seus níveis moral, social, cultural e econômico; evitando a perversão dos menores. E isto não é difícil.

“Sempre podemos dar”, não no sentido da esmola, de vez que esta avilta, mas sim no sentido de estimular o homem a sair da sua miséria. Esta miséria que — no dizer de INGENIEROS — “mais grave para a mente que para o corpo, dissolve nos homens os sentimentos sociais e diminui os vínculos de solidariedade”.

JEAN RENAUDIN, falando sobre as obras privadas de beneficência e especialmente aos seus dirigentes, escreveu:

Em primeiro lugar deveis levar a outrem um coração. Depois, vosso espírito e vossa inteligência porão à disposição desta caridade conhecimentos tão completos quanto possível. Com efeito, não seria aceitável que, perante quem quer que seja, vos deixeis superar em matéria de ciência ou de habilidade profissional. Vosso lugar, neste campo, deve ser na vanguarda. A qualidade de vossas intervenções será, aliás, uma prova do respeito que tendes por aqueles que vos são confiados.

A favela é uma mera consequência, decorre de uma situação sócio-econômica, que se apresenta, sobretudo, quando se inicia o período da industrialização nos países subdesenvolvidos.

Com todo o seu otimismo, revelado em 20-3-56 ao *O Globo*, assim se expressou S. Ex.^a Rev.^a D. HELDER CÂMARA, o homem que mais conhece o problema no Brasil:

O 4.^o centenário da fundação da cidade do Rio de Janeiro poderá ser comemorado com a completa urbanização de tôdas as favelas cariocas.

Tomando conhecimento do problema, evoluiu S. Ex.^a Rev.^a, para dizer aos Diretores do Serviço Social do Comércio, em 10-8-57:

A Igreja sabe que a favela é uma conseqüência e que à sua causa cabe primeiro atender. Entretanto, só quando se fizer uma reestruturação econômica do país e forem atendidas as áreas sub-desenvolvidas é que êstes fenômenos de expressão aguda nas favelas serão eficazmente combatidos, em ordem à sua extinção. Nas favelas residem 400.000 pessoas. Está claro que a Igreja se viu obrigada a ir ao encontro desta população, equivalente a uma grande cidade.

Ainda nesta altura dos acontecimentos, S.Ex.^a Rev.^a continua otimista, estimando a população das favelas em 400.000 habitantes, apenas menos de 2/3 da realidade.

Constitui a favela fenômeno que não nos é peculiar; encontramos-la em outros países, em outras cidades, apenas com nomes diferentes: *slum*, na Inglaterra, e *slum*, *shack towns* e *hooverilles*, nos Estados Unidos; *tugurio*, nas Repúblicas espanholas; *rancherio*, no Uruguai, e, entre nós, *educandos*, em Manaus, *mocambos*, no Nordeste, *favelas*, na Região Leste, *vila de malocas*, em Porto Alegre, *vilas*, no Rio Grande e Pelotas. No fundo, tudo não passa de habitações más, em desacôrdo com a dignidade humana.

Confirmando o que disse, transcrevo o que, a respeito das favelas de São Paulo, diz o Boletim n.^o 21, de 26-7-50, da Divisão de Estatística e Documentação Social, da Prefeitura do Município de São Paulo:

Tôdas as grandes cidades do mundo se vêem a braços com o problema da falta de moradia, em virtude do excesso demográfico. São Paulo, a mais opulenta cidade do Brasil, não escapou à regra, fato que leva os deserdados da fortuna a se comprimirem em cortiços e favelas. Em pesquisa levada a efeito, recentemente, pela Divisão de Estatística e Documentação Social da Prefeitura de São Paulo foram verificados êstes resultados em uma favela da rua Oratório: 50 famílias, num total de 245 pessoas, usam coletivamente as mesmas instalações sanitárias, sendo precaríssimas as condições de moradias. Das pessoas referidas, 114 são menores de 21 anos, na percentagem de 46.53%, ao passo que 131 são adultos, na percentagem de 53.47%. Há famílias constituídas até de 10 pessoas, embora a média aritmética seja 5, e o valor modal de 4 pessoas por família.

Dessas famílias, 28 habitam, cada qual, um cômodo; 18 habitam 2 e 4 habitam 3 cômodos. Cômodo de tábua tósca e de telha vã, sôbre terra pisada.

Tendo-se em vista que essas 50 famílias estão alojadas em 76 cômodos, temos a média de 1.32, ou seja, 1 cômodo por família. A distribuição dos sexos é, praticamente, de meio a meio. Há grande promiscuidade. É nos conglomerados humanos, nas habitações coletivas de poucos alojamentos que se forma a escola da depravação e da degradação. As moças perdem o instinto de pudor, e a falta de higiene provoca elevação das taxas de mortalidade e de morbilidade. Em tôda habitação coletiva, onde não há instalações sanitárias em quantidade suficiente, os recursos para a higiene escasseiam. Na favela em aprêço há apenas seis privadas improvisadas, o que dá a média de 8.25 famílias, por privada. Há 6 tinhas, 19 tanques, 1 torneira de água corrente e 8 poços de água potável.

Ao lado de desconforto, há a salientar a existência de crianças maltrapilhas, em mistura de sexos, nuas algumas e seminuas outras, entre galináceos, carneiros, cães e gatos — trata-se de gente pobre, que paga o aluguel médio de Cr\$ 350,00 por barracão ou por casa da favela citada, tendo um provento médio, por família, de Cr\$ 2.052,80.

De 245 pessoas pesquisadas, 118 trabalham (48.16%) e como há 131 adultos, a percentagem dos que trabalham sôbre os adultos é de 90.07. A diferença de quase 10% se refere às donas de casa que não trabalham fora (muitas o fazem) ficando no "lar" cuidando dos afazeres domésticos. A média de provento mensal por pessoa que trabalha é de Cr\$ 869,80. Isto significa que, em média 2.3 pessoas, por família, trabalham percebendo remuneração. Sendo a família constituída de 5 pessoas, o ganho médio é baixo para o sustento regular da casa.

Se examinarmos qualquer favela do Rio encontraremos a mesma situação. Um dos melhores estudos sôbre favelas é do prof. LAUDELINO T. MEDEIROS, de Pôrto Alegre: *Vila de Malocas (Ensaio de Sociologia Urbana)*. Neste trabalho são estudadas as diversas vilas de malocas, de Pôrto Alegre, com suas pitorescas denominações: Vila Graças a Deus, Surgida das Águas, Forno do Lixo, etc.

Para que se tenha uma idéia das condições de habitabilidade ali existentes, extraímos o seguinte da obra citada:

Essa população de 329 indivíduos dispõe de uma área constituída (se assim se pode chamar a êsses abrigos deficientes) de 791m² aproximadamente, o que significa que cada pessoa dispõe em média de 2,40m². É chocante o contraste com a média de 10 a 12 metros atribuídos às habitações econômicas, pela engenharia de construção.

Quanto à constituição das famílias é a mesma que se observa no Distrito Federal.

Em 1952, 38% das habitações de Vitória eram barracos iguais aos das nossas favelas, e uma visita à Ilha do Príncipe nos mostraria o mesmo panorama a que estamos acostumados aqui no Rio.

FERNANDA AUGUSTA VIEIRA FERREIRA BARCELOS, num estudo sobre as favelas de Niterói, nos apresenta condições idênticas às nossas.

O cadastro das favelas de Belo Horizonte nos mostra que em 25 favelas, com 9.343 habitações, há 36.086 favelados, com uma média de 4.07 habitantes por barraco e 1.53 por cômodo.

MICHEL QUOIST (*La Ville et l'Homme*) nos apresenta um inquérito feito em Ruão, França, onde se verificou que 16% das famílias do setor vivem quatro por cômodo. Há, às vezes, uma cama por domicílio, onde dormem 2, 4, 5 e mais pessoas.

Em tôdas as capitais e cidades da América do Sul — Bogotá, Lima, La Paz, Santiago, Buenos Aires, etc. — no México, no Panamá, encontramos sempre grande parte da população vivendo em habitações sub-standard, equivalentes às nossas favelas.

Da obra de LAUDELINO T. MEDEIROS extraímos o seguinte trecho, transcrito do livro *The City*, de STUART ALFRED QUEEN, professor de Sociologia da Universidade de Washington, e de LEVIS FRANCIS THOMAS, professor Adjunto de Geografia da mesma Universidade:

Uma vizinhança inusitada: *hooverville*.

Em completo contraste com os grupos abastados acima discutidos estão os agrupamentos instáveis de intrusos nas margens do rio e outros terrenos baldios freqüentemente na orla da cidade. Algumas vezes êsses agrupamentos são chamados de *jungles* (campo de trabalhadores instáveis). Os ocupantes, entre os quais se encontram homens isolados, bem como famílias, podem ser inteiramente transitórios, mas durante a depressão de 1929, e posteriormente, surgiram em algumas cidades vizinhanças mais permanentes desempregados, agrupamentos que eram freqüentemente chamados *hooverville*.

Em St. Louis, a *hooverville* começou em 1929 com a ereção de duas malocas (*shacks*) próxima da ponta oeste da Ponte Municipal. Os primeiros habitantes eram homens isolados, a princípio, brancos, mais tarde também de côr; finalmente, famílias completas se locomoveram para ali. O terreno era propriedade pública desocupada. Os habitantes tinham de construir as suas próprias casas, o que faziam com a mais variegada coleção de material que se possa imaginar. Juntavam pedaços de madeira, de celotex, papel impermeável, zinco, e quase tudo que pudesse ser salvo do monturo.

Não é necessário um grande esforço de imaginação para vermos, sob outro nome, as nossas favelas transportadas a um dos países mais ricos e industrializados do mundo.

De volta de sua viagem aos Estados Unidos, assim se expressou o ABBÉ PIERRE :

Eu visitara, na maravilhosa cidade de Washington, verdadeiro parque, bairros ocultos, nos quais, como em todos os bairros escondidos de Paris, negros e brancos, porto-riquenhos e uma quantidade de infelizes, vivem em terríveis condições.

Em Salvador, AMÉRICO LIMA FILHO, no seu belo trabalho intitulado: *Ângulos do Problema da Habitação Popular em Salvador* — nos fala das invasões :

Os vales por outro lado, e tendo em vista as condições higiênicas e sanitárias não muito satisfatórias, são ocupados, assim como as encostas, pela parte mais considerável, em número, dos habitantes, que representam o extrato mais numeroso e menos capaz economicamente. Aí não existem, no sentido técnico do termo, nem calçamento, serviço de água e esgoto etc. São utilizados caminhos, abertos nas encostas e vales, sendo o próprio solo, na maioria, de origem sílico-argilosa, de sorte a se tornar de difícil trânsito no caso de chuvas, que são muito freqüentes.

Quanto ao tipo de casa predominante, quase sempre é de taipa, cabana muito simples, constituída de uma armação de madeira, recoberta de barro com água, lançado a mão, representando o que denominam *casa de sopapo*.

No Recenseamento de 1940, das 66.810 casas da Cidade, 38.590 foram classificadas como de madeira e outras, vale dizer de taipa, de sopapo, casas em más condições, na sua grande maioria como as descritas, ou seja 60% das casas da cidade.

De então para cá, segundo o cálculo que fizemos e que depois detalhamos, foram construídas 21.513 casas das quais 15.000 de taipa, aproximadamente. De 1940 a 1950 realizaram-se as grandes invasões, transferindo-se muita gente do interior para a capital e edificando-se aos milhares as casas de taipa. Assim, pois, cerca de 50.000 casas em Salvador encontram-se em condições muitíssimo abaixo dos níveis mínimos admitidos para o abrigo do homem.

Nestes abrigos o número médio de pessoas por quarto foi de 3.25.

Quanto aos rendimentos auferidos na média de todas as famílias, os Chefes de família tiveram Cr\$ 838,80 ou 81.70%, os cônjuges Cr\$ 361,20 ou 13.15%, os filhos Cr\$ 75,00 ou 0,29% e os parentes e agregados Cr\$ 499,60 ou 4.78%, sendo as médias pessoais e as percentagens em relação ao rendimento total, contribuindo 51 chefes, 19 cônjuges, 2 filhos e 5 agregados.

É mais uma cidade em tudo semelhante à nossa. Em 1952, visitei pessoalmente as invasões de Salvador e a não ser quanto à topografia nenhuma diferença encontrei com relação às nossas favelas.

Em 1939, AGAMENON MAGALHÃES iniciou a Campanha contra o *mocambo*, em Recife, onde havia 41.581 *mocambos*; em 1954, havia 72.206, apesar da obra feita pela Campanha.

Da tese apresentada pelo Dr. RENÉ RIBEIRO à 5.^a Semana de Ação Social, em Recife, 1939, transcrevemos a parte final:

Concluída a exposição do material colhido e feitos os necessários reparos, junto a cada quadro de interesse, importa, sumariando, apresentar em conjunto os dados coligidos.

Ficou comprovada a localização da maioria das habitações recenseadas próximo a charcos, mangues, braços de rio e alagados, sem contudo, apresentarem percentagens elevadas de fichas ausando umidade excessiva do local (dado êsse colhido da impressão subjetiva do inquerido) ou invasão pelas águas.

O tipo predominante foi o *mocambo* de paredes de taipa, coberto de palha de coqueiro ou capim, piso de barro socado, com 3 a 4 metros de altura de cumeeira, com 2 oitões livres, quintal, duas salas com janelas, dois quartos desprovidos de janelas, cozinha em separado e sem separação, em proporções, muito promiscua, desprovida de banheiro e instalação sanitária, sem fossa, sem água encanada, pequeno número (22.09%) acusando a existência de cimbias e poços artesianos.

O número de pessoas por habitação foi, em média, de 6.60, sendo duas a três, em cada quarto (média 2.92), merecendo reparo que, em 671 habitações recenseadas, se comprovou dormirem pessoas em outras dependências. Por conseqüência, franca superlotação.

Seria monótono e enfadonho continuarmos a descrever o que se passa alhures em matéria de habitação, do tipo favela. Abusamos da paciência do leitor, apenas para demonstrar que o fenômeno favela não é peculiar à nossa cidade, chamada de maravilhosa. Nas cidades acima referidas, as favelas, ou que outro nome tenham, se localizam, geralmente, nos arredores da cidade, em terrenos de pouca valia. Ora, entre nós, êstes terrenos eram os morros e por êles foram se encarapitando os barracos. Concordo em que enfeiam a cidade e sempre os olhamos com certo asco e sobretudo com medo. Como veremos adiante, ao se transcreverem dados estatísticos a respeito das favelas, são elas formadas por gente que trabalha, e salvo alguns exploradores, por gente pobre, sobretudo desassistida e carente de educação.

A favela resulta de uma situação sócio-econômica, e, conseqüentemente, apresenta características variáveis não só de lugar para lugar, como uma em relação às outras.

De um relatório, de 1956, da Organização dos Estados Americanos (O.E.A.) relativo a *Programas de Financiamento da Habitação e Desenvolvimento da Comunidade na América Latina*, transcrevemos o seguinte:

A maioria das cidades da América Latina atravessa uma fase de rápidas transformações. Isto se evidencia por dois aspectos: o

grande número de novos edifícios comerciais e escritórios nas áreas comerciais das cidades, de estádios e obras monumentais, que representam grandes inversões de capital, e o crescimento enorme, em áreas adjacentes ou distantes, de barracos e casas de cômodos, muitas delas desbordantes de gente provinda das zonas rurais, atraída para a cidade pelo emprêgo e outras vantagens da vida citadina. Em outras palavras, é evidente uma grande e grave falta de equilíbrio no crescimento das cidades, assim como também existe uma falta de equilíbrio em muitos países, com relação à atenção que se dá ao desenvolvimento da potencialidade estritamente rural em face da urbana.

Referindo-se às favelas, assim se expressa a O.E.A.:

A favela é uma habitação que, por suas condições, constitui uma ameaça à moral, à segurança e à saúde da família que a ocupa, e à coletividade onde se situa. Suas conseqüências diretas recaem sobre as famílias de mais baixo rendimento. A explicação da favela não obedece a uma causa única, senão a um complexo de causas mais ou menos numerosas. Não se explica somente como fenômeno de aglomeração habitacional, em condições insalubres, em áreas centrais ou em bairros clandestinos dos arredores da cidade; é um fenômeno de estruturação das áreas urbanas e dos grupos de população. Ainda mais, trata-se de um desajustamento social que, além de estar ligado à causa econômica, é de natureza educacional.

Esta definição do que seja a favela, engloba quase tôdas as suas causas. Às favelas se poderia aplicar o que disse o Presidente TRUMAN, em seu discurso de posse, em 20 de janeiro de 1949, citado por CHARLES WAGLEY, em *Uma comunidade Amazônica (Estudo do homem nos trópicos)*:

Mais da metade da população do mundo vive em condições que se aproximam da miséria. Sua alimentação é insuficiente; são vítimas das doenças; sua vida econômica é primitiva e estagnada. E a sua pobreza é um empecilho e uma ameaça, não só a eles próprios, como às áreas mais prósperas.

Cabe-nos, pois, o dever de estendermos até às favelas os nossos conhecimentos no sentido de minorar a situação atual. Não são apenas as favelas que nos devem preocupar: há as casas de cômodos, mais ou menos 4.000, no Distrito Federal; e as hospedarias, que alugam vagas; nestas o número de camas, por cômodo, é de cinco.

Escreveu o ABBÉ PIERRE:

Nós somos como todo o mundo, um pouco hipócritas. Quando a miséria não está à vista, nós nos tornamos indiferentes a ela. Mais do que exterminar a miséria, preocupa-nos escondê-la. Contanto que não seja visível, contanto que tenha o bom gosto de não estragar a nossa felicidade, o nosso confortozinho, a nossa vidinha, está tudo bem.

Assim se explica por que até hoje, ninguém se ocupou das casas de cômodos e hospedarias.

Apesar de carecermos de dados estatísticos atualizados, os de que dispomos são suficientes para que ajuizemos da gravidade do problema e de suas conseqüências, e, valendo-nos de nossa experiência e da de outros povos, encontremos um caminho que venha atenuar a situação atual. Nunca poderemos pensar em termos de uma solução integral. Esta não existe. E aqueles que afirmam tê-la encontrado, faltam com a verdade. A prova é que favelas, sob outros nomes e aspectos, existem em países ricos, e onde muito se cuida do problema da habitação.

Infelizmente creio que não exageramos dizendo que o Brasil é um dos poucos países no mundo onde não existe um órgão governamental que coordene o encaminhamento de soluções do problema.

Mais ainda; em junho de 1954, segundo levantamento feito pelo Serviço de Febre Amarela, existiam, no Distrito Federal, 132.387 barracos, isto é, a 4.^a parte dos prédios existentes (578.276).

Em termos largamente aproximativos, se poderia, talvez, situar em 540.000 o número de habitantes. Ora, de acordo com os dados existentes, as construções no Distrito Federal não são suficientes para atender ao crescimento vegetativo da população, que é da ordem de 80.000 habitantes por ano, enquanto, em 1954, o número de *habite-se* concedido foi de apenas 13.000, havendo pois um *deficit* de perto de 3.000 casas por ano. De 1954 para cá, cresceram de um modo assustador não só favelas como favelados, e hoje se pode afirmar, sem medo de errar, que, no Distrito Federal, perto de 800.000 pessoas vivem em barracos.

Só a substituição dos 132.387 barracos encontrados em junho de 1954, custaria Cr\$ 7.619.350.000,00, admitindo que o custo de cada unidade seja de Cr\$ 50.000,00, sem contar com o terreno. Mas acontece que, naquela data, se verificou que se construía no Rio 23,4 barracos por dia, logo, hoje, o número deve ser de 158.037. A despesa seria, então, de Cr\$ 7.901.850.000,00, isto é, metade da arrecadada pelo Distrito Federal, o que nos mostra a impossibilidade de uma solução radical. Admitindo que essa despesa fôsse realizada em 10 anos, que a moeda fôsse estável e, conseqüentemente, não houvesse variação nos preços, e que se não construísse mais nenhum barraco, teríamos uma despesa anual de Cr\$ 790.185.000,00.

Ainda mais: admitindo que cada casa consumisse 4.000 tijolos, 80 sacos de cimento e 5.000 telhas, necessitaríamos de 632.148.000 tijolos, 12.642.960 sacos de cimento e 790.185.000 telhas. É evidente que a solicitação no mercado de tal quantidade de materiais contribuiria para o aumento de preços, de vez que nossa indústria não comporta tal consumo.

Em 1949, a Prefeitura do Distrito Federal fez o censo das favelas, encontrando 105 favelas, com uma população de 138.837 habitantes.

Em 1950, o I.B.G.E., dando outro conceito à favela, recenseou uma população de 169.305 favelados.

Em 1954, encontramos uma população de 540.000 habitantes.

Em 1957 o I.P.E.M.E. (Instituto de Pesquisas do Mercado) encontrou 640.000 habitantes.

Segundo *Conjuntura Econômica* (dezembro de 1950), foram construídos de 1940 a 1949, cerca de 94.000 prédios sem licença da P.D.F. De 1940 a 1949, houve um acréscimo de 24.318 barracos; de 1949 a 1954, o acréscimo foi de 42.752, o que nos mostra que as favelas estão crescendo, quase numa progressão geométrica, sobretudo depois que se procurou resolver o problema “dando” apartamentos a quem não tem condições nem para viver em barracos. Como pretender cessar o efeito sem que tenha sido atingida a causa?

Erradamente se tem atribuído o crescimento das nossas favelas exclusivamente ao tão decantado êxodo rural — o que não corresponde à realidade. De 1940 a 1950, entraram, no Distrito Federal, 410.000 pessoas de outros Estados, dos quais apenas 27% se encontravam nas favelas, por ocasião do censo de 1950. Mais ainda, ao contrário do que se assoalha, não é o nordestino quem mais contribui para a favela: contribui este apenas com 7.9% de favelados; o maior contingente (90%) vem da zona leste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e Distrito Federal), sendo cariocas apenas 20.1%, para os maiores de 15 anos.

Pelo censo de 1950, nas favelas do Distrito Federal 38.7% são cariocas e 61.3% não cariocas.

No entanto, chama-se aos quatro ventos que o grande contingente é de nordestinos, isto porque, naturalmente, a “sêca” é também espetacular, é trágica, fácil de condoer os corações.

Já é tempo de encararmos o problema na sua realidade, estudando-o com carinho, abandonando as soluções demagógicas, e nos convenceremos de que somos pobres e o tempo dos milagres, infelizmente, já está superado.

Evidenciada a impossibilidade de uma solução integral do problema, pela substituição dos barracos por casas ou apartamentos, vejamos alguma coisa sobre as nossas favelas. Como sempre os nossos dados são antigos, o que não nos impede de concluir sobre a orientação a ser tomada.

O problema não é apenas o de construir casas ou apartamentos, em substituição aos barracos existentes; o problema é muito mais grave, de vez que é um problema de educação.

MICHEL QUOIST (*La ville et l'Homme*) escreveu:

O problema, com efeito, não se limita à construção ou ao planejamento de casas; trata-se de ajustar uma comunidade humana completa, empresa muito mais difícil.

Empresa tanto mais difícil quanto não temos um perfeito conhecimento do problema que nos cumpre enfrentar. De qualquer modo, a finalidade principal de qualquer programa de recuperação das favelas e habitações anti-higiênicas, deve visar à família e, por isto, ao “fator humano, que é de importância primordial”.

As Nações Unidas, por intermédio do seu Departamento de Assuntos Sociais, já escreveram que:

Por muito grandes que sejam as conseqüências sociais indiretas das condições de habitação, torna-se mais acentuada a necessidade de melhorar as condições sociais dessas regiões.

De fato, sem um trabalho prévio de educação não adianta dar uma casa, de que o indivíduo não sabe utilizar-se.

De passagem, relatarei o caso do Congo Belga, onde o governo deu casas aos indígenas, e com surpresa verificou que eles continuavam a cozinhar ao ar livre.

Ao contrário do que se tem feito entre nós, a União Pan-Americana, no seu trabalho sobre *Habitações de Interêsse Social*, estabelece, na sua declaração de princípio, que:

Tôda política de habitação de interêsse social deve completar-se com a assistência social que promove o melhor uso da habitação e uma superação na vida do lar e da comunidade.

O fornecimento de habitações para alugar é tanto mais desejável quanto menores sejam os recursos do beneficiado, conquanto seja aconselhável propiciar a posse em usufruto ou em propriedade quando fôr possível.

Sobretudo devemos sempre procurar que o futuro usuário contribua com seu suor para a construção de que ele irá beneficiar-se.

Ademais não são unicamente as favelas que nos devem preocupar: também as casas de cômodos e as hospedarias devem merecer nossa atenção. Com relação às casas de cômodos, e seus efeitos nocivos, pela promiscuidade nelas existente diz a O.E.A.:

A casa de cômodos é a habitação que, por suas condições, constitui uma ameaça à moral, à segurança e à saúde da família que a ocupa e à coletividade onde se situa.

O censo das favelas de 1949, referindo-se às casas de cômodos, registra:

A média de habitantes por barraco é menor que a de muitas casas de cômodos de baixa categoria, as *cabeças de porco* ainda existentes na Capital da República, onde chegam a coabitar num aposento 8 a 10 pessoas.

Ora, tem sido verificado que mais de 2 pessoas por quarto, aumenta de 2,5 vezes a mortalidade infantil.

J. KOEOSI, citado no Boetim n.º 21, da Divisão de Estatística e Documentação Social da Prefeitura de São Paulo, calculou, para a cidade de Budapest, a duração média da vida, em face da densidade da habitação, chegando aos resultados seguintes:

Média da vida em habitações de 1 cômodo
35 anos, 5 meses — 2 habitantes
33 anos, 2 meses — 2 a 5 habitantes
31 anos, 2 meses — mais de 10 habitantes.

Na Alemanha, antes da guerra, num inquérito realizado em Munique, constatou-se que, se a mortalidade infantil é de 3% nas habitações higiênicas, ela atinge 81% quando a família ocupa uma única peça; nas famílias nobres alemãs a mortalidade das crianças menores de 5 anos era de 5.7% e, entre os pobres de Berlim, era de 34.5%. Em Salvador, constatou-se que para 1 criança que morre nas classes abastadas, morrem 30 da classe média e 70 da classe operária.

Em estudo realizado pela *Conjuntura Econômica*, encontramos o seguinte:

A mortalidade geral, no Distrito Federal, varia de um mínimo de 8 por mil em Guaratiba e Copacabana, mortalidade só comparável à verificada em populações de elevadíssimo desenvolvimento econômico, ao máximo de 19 por mil, encontrado em Gamboa e Santana, que correspondem às condições de vida de muito baixo nível.

Nestes dois bairros é onde se encontra o maior número de casas de cômodos.

O Sr. NELSON LUIZ DE ARAÚJO MORAES, num interessante trabalho intitulado: *Contribuição ao Conhecimento das Condições de Saúde da População Brasileira*, ao estudar a mortalidade infantil segundo os grupos sociais, apresenta os seguintes dados:

Grupo I — Membros das profissões liberais, professores, funcionários superiores de diversas categorias, chefes de grandes e médias empresas, pessoal administrativo superior: 17.1 por 1.000/ nascidos vivos.

Grupo II — Comerciantes, artesãos e, em geral os pequenos patrões independentes: 32.3 por 1.000/ nascidos vivos.

Grupo III — Pessoal administrativo subalterno, contramestres, funcionários subalternos, representantes comerciais, empregados de lojas enfermeiros: 22.6 por 1.000/ nascidos vivos.

Grupo IV — Operário: 31.3 por 1.000/ nascidos vivos.

Estes dados nos mostram não só a influência da habitação sobre a mortalidade infantil como também a influência que sofre ela em consequência da pobreza.

Ficamos, assim, num círculo vicioso, já que estas mortes prematuras produzem mais pobreza: são indivíduos que já consumiram da coletividade e que não chegam a produzir para reembolsá-la.

É a habitação malsã, indiscutivelmente, um dos grandes responsáveis pelo empobrecimento da vida humana.

Examinando os coeficientes de mortalidade por tuberculose, no Rio de Janeiro, encontramos em 1952, nas circunscrições de Gamboa e Santana o trágico coeficiente de 409 óbitos por 100.000 habitantes. Na cidade de Cleveland, nos Estados Unidos, verifica-se que os quarteirões de casas de cômodos e habitados apenas por 10% da população da cidade consomem 26% do total

das despesas com a polícia, bombeiros, serviços de saúde e 36% dos serviços de hospitais.

A vida média nas *favelas* é muito mais baixa do que a média do Distrito Federal, que é de 52 anos.

Há ainda quatro aspectos da *favela* que não devemos deixar de assinalar: o da mãe solteira, o do menor, o da criminalidade e o da instrução.

Transcrevemos, do censo de 1949, a seguinte observação:

Um dado apenas, mas eloqüente, pode ser focado. O relativo ao estado conjugal, constante da tabela 6. Por esta verifica-se que para 47.51% de solteiros, foram encontrados 22.92% de casados e 29.58% de viúvos, desquitados e amasiados (outros). Ora, admitindo-se na população faveleira a mesma proporção de viúvos e desquitados encontrada para a população carioca pelo censo de 1940 (7.13%) e deduzido por êste meio a parcela de amasiados, ter-se-ia 22.44% da população faveleira, ou 31.146 pessoas ligadas em união natural, número provavelmente maior, dada a tendência das mesmas a se declararem casadas.

O resultado são os filhos ilegítimos, que constituem um dos problemas graves do Rio de Janeiro, pois 25% das crianças nascidas aqui são filhos ilegítimos.

Onde o serviço é gratuito, como na Maternidade Escola e no Hospital Miguel Couto, as percentagens de mães solteiras são respectivamente de 46% e 54%. E, segundo a cor das gestantes, nas mulheres brancas se apresentam com a percentagem de 25%, nas pardas 59.9% e nas pretas 68.5%.

Quanto ao menor, vive êle em completo abandono na *favela* e nas *casas de cômodos*: como para uma população de perto de 700.000 almas a percentagem de menores de 19 anos é de 45.7%, segue-se que há pelo menos 319.900 menores no caminho do crime; destes mais ou menos 160.000 são de 0 a 9 anos e o restante de 10 a 19 anos.

De 90 a 99% dos criminosos juvenis, segundo DANIEL PARKER, têm sua origem nas cidades. No Distrito Federal, de 1942 a 1948, (*Conjuntura Econômica*), verificou-se um acréscimo de crimes, na proporção de 130%, enquanto que o crescimento da população foi de 19%.

Ficou constatado que os citadinos delinqüem mais do que os rurícolas, os negros mais do que os brancos, os analfabetos mais do que os alfabetizados e os solteiros mais do que os casados.

Quanto à instrução, constatou-se, em 1950, ainda segundo a *Conjuntura Econômica*, analisando o censo do I.B.G.E.:

Como era de esperar, a taxa de alfabetização encontrada nas *favelas* é muito inferior à dos não favelados. Êstes aparecem com 81.7%, aqueles com 53.3%. A relação é, por conseguinte, de cerca de 3.2; mais desfavorável às mulheres (2,1) do que aos homens (5,4) nos não favelados; os homens analfabetos correspondem a quase 1/6 dos alfabetizados; na *favela* a mais da metade.

Os favelados analfabetos predominam sobre as letradas, ao contrário do que se observa com as não faveladas.

Os dados encontrados proporcionam outro sintoma mais claro ainda do baixo padrão de vida reinante nos morros. Se nos não favelados é já de si insatisfatória a percentagem de 69% de meninos alfabetizados de ambos os sexos, dos 7 aos 18 anos, que dizer dos 39.2% constatados em relação aos filhos dos favelados, dessas mesmas idades? O reduzido preparo cultural dos pais, a falta de escolas públicas acessíveis e o fato de maior número de crianças faveladas trabalharem desde tenra idade explicam em grande parte a natureza dessa situação francamente desfavorável.

Foge ao âmbito deste trabalho uma análise detalhada do censo de 1950, mas destacamos alguns dados que nos parecem melhor traduzir o fenômeno estudado.

Para uma melhor compreensão do mesmo direi que, segundo *Conjuntura Econômica*, a população das favelas cresce na razão anual média de 5.5 a 6%, enquanto a população do Rio de Janeiro o faz na razão de 3.5% ao ano.

Constatou-se que:

Grande parte dos favelados que se instalaram nos bairros residenciais deriva o seu sustento de atividades domésticas remuneradas, cujos salários se equiparam aos dos industriais não qualificados.

Ao contrário do que se imagina, quase 50% dos moradores das favelas são operários e o número de crianças trabalhando é muito maior que entre os não favelados.

As características econômicas dos habitantes presentes nas 58 favelas observadas através do censo Demográfico de 1950 demonstram que ali se encontra uma população ativa, predominantemente trabalhadora, ligada através de ocupações diversas aos principais ramos de atividades econômicas desenvolvidas no Distrito Federal. Não se trata, pois, de uma população composta de marginais, mas de aglomerados urbanos integrados regularmente na vida social (*As favelas no Distrito Federal* — Revista Brasileira de Estatística, 1953 — n.º 55).

Apesar da magnitude do problema, não devemos cruzar os braços e abandoná-lo à sua própria sorte.

Nosso dever é lutar por uma situação melhor.

O que não devemos é esperar que o Governo ou qualquer entidade tudo faça; cada um de nós, dentro da nossa função social, deve dar o máximo de si mesmo, para melhorar a situação do seu semelhante.

Escreveu o ABBÉ PIERRE :

Na verdade, um problema de tanta gravidade, material e moralmente não será resolvido exclusivamente pelo Estado. Nem o

será exclusivamente, pela iniciativa privada, mesmo apoiada por leis sábias e favoráveis ao investimento do capital particular na construção.

Diante de um problema de tamanha gravidade, ou não somos sensatos e então têm razão os que dizem ser a França um país liquidado, ou nos convenceremos de que a única solução é "uma verdadeira mobilização nacional para construir".

Em 1950, assim se expressava, em discurso proferido em Paris S. Ex.^a o Sr. Ministro da Reconstrução e Urbanismo da França:

Digo mais uma vez que mentem ao Povo aqueles que deixaram crer que o esforço que devemos fazer, e que estamos fazendo, poderia ser feito só pelo Estado.

E, aqueles que esperassem nessas condições, num futuro mais próximo, habitações claras e sãs, estariam apenas sonhando. *É a Nação, de um modo integral, que devemos conclamar para o problema da construção;* são todas as forças da Nação que devem participar desse esforço grandioso.

Há trabalho para todos os franceses, há ocupação para todas as iniciativas. Não é o Estado que fará tudo, nem os Departamentos, nem as comunas, serão também os cidadãos, que compreenderão que algumas vezes devemos consentir em certas reformas na nossa vida cotidiana para assegurar a vida do lar.

Se nos países mais ricos é esta a linguagem de seus dirigentes, com muito mais forte razão o será entre nós.

Em 1955, após a extinção da Comissão do Bem-Estar Social, em companhia do Engenheiro STELIO DE ALENCAR ROXO, fomos procurar o então Chefe da Polícia Cel. GERALDO DE MENEZES CORTES, para formar um núcleo que pudesse, pela sua atuação, minorar a situação dos habitantes das favelas, casas de cômodos e hospedarias. Convidamos diversas pessoas e entidades; nosso círculo foi crescendo e foi se discutindo o assunto. Infelizmente, os acontecimentos de novembro de 1955 puseram termo ao nosso empreendimento. Nesta ocasião propus que se organizasse uma Sociedade Civil, com agências em cada bairro, subsidiada por uma contribuição proveniente de uma taxa fixa cobrada sobre os aluguéis.

Admitindo que tenhamos, no Rio de Janeiro, 550.000 unidades residenciais, o pagamento de Cr\$ 10,00 por unidade, nos daria mensalmente a módica quantia de Cr\$ 5.500.000,00, com o que já se poderia pensar em fazer alguma coisa.

Nesta ocasião ficou assentado que o ataque ao problema das favelas se daria em quatro fases, que adiante serão descritas e analisadas. Nosso programa foi então apresentado ao S.E.R.F.H.A. (Serviço de Recuperação de Favelas e Habitações Anti-Higiênicas), posteriormente criado pela P.D.F.

I — CONTENÇÃO DAS FAVELAS

1. *Contenção das favelas, casas de cômodos e hospedarias**(Medidas imediatas)*

- a) Proceder-se-á ao levantamento de cada favela, casa de cômodo ou hospedaria, de modo que fique perfeitamente caracterizado o seu estado atual;
- b) Serão observados os dispositivos do Decreto 6.000 referentes a êsses três tipos de habitação;
- c) Será feita a fiscalização pelas entidades que se ocupam de cada favela, polícia municipal e elementos da S.E.R.F.H.A., em coordenação com as Delegacias Fiscais e Distritos de obras;
- d) Em cada barreira do Distrito Federal serão construídos albergues para abrigar os migrantes, inquirir sobre sua vida pregressa e encontrar-lhes colocação;
- e) Êste serviço será feito em coordenação com o Albergue da Boa Vontade e Fundação Leão XIII;
- f) Em cada Albergue haverá um serviço médico fornecido pelo Departamento de Saúde da P.D.F. e S.S. da P.D.F.;
- g) Será feito o levantamento de tôdas as entidades que trabalham em favelas, a fim de coordenar seus esforços, sobretudo no sentido de contenção das favelas.

2. *Contenção das favelas**(Medidas a longo prazo)*

- a) Unificação dos transportes no D.F.;
- b) Abertura de túneis para permitir a interligação dos bairros;
- c) Modificação da tributação de modo a que a renda da Prefeitura provenha exclusivamente da terra;
- d) Política fundiária — Levantamento dos próprios da União, Municípios e da Previdência Social, para sua futura utilização;
- e) Criação de um Banco Hipotecário e Cooperativas de Habitação;
- f) Sociedades de Crédito Mútuo — Sistema de ajuda própria e mútua dirigida;
- g) Pôr em execução o artigo 10º do Dec.-lei n.º 9.218, de 1.º de maio de 1945, que obriga os estabelecimentos industriais a construirem casas para seus operários;
- h) Acôrdo com as Missões Rurais no sentido do ataque do problema no campo, de modo que se possam organizar as colônias agrícolas;
- i) Acôrdos com os estados limítrofes e contribuintes do fluxo migratório no sentido de ser atacado o problema na sua origem.

II — AÇÃO SOCIAL E SAÚDE

- 1.º) Instalação, em cada favela, de um Centro Social, do tipo adotado pela Fundação Leão XIII;
- 2.º) Instalação, em cada favela, de escolas para meninos, meninas e adultos; e escolas artesanais, de serviços domésticos e rurais;

3.º) Instalação de lactários de acôrdo com o Fundo Internacional de Socorro à Infância (F.I.S.I.);

4.º) Serviço de assistência médica fornecida pela Departamento de Saúde da P.D.F..

5.º) Enfermeiras visitadoras ligadas ao centro de saúde.

6.º) Assistentes sociais.

7.º) Creche.

8.º) Água, luz e esgôto.

a-8) Instalação de bicas;

b-8) Instalação de tanques;

c-8) Instalação de cabinas para luz;

d-8) Instalação de rêdes de luz, pagas pelos interessados;

e-8) Instalação de banheiros e tanques coletivos;

f-8) Instalação de canalização de águas pluviais;

9.º) Instalação em cada favela de um armazém para a venda de artigos de primeira necessidade, roupas, artigos domésticos etc. Êstes armazéns se transformarão, de futuro, em cooperativas;

10.º) Organizar, juntamente com os Círculos de Operários e a J.O.C. Comitês, em cada favela, no sentido de liderarem a comunidade e de se organizar os trabalhos de construção.

III — MOVIMENTAÇÃO NA OPINIÃO PÚBLICA

1.º) Conferências, palestras, mesas redondas.

2.º) Entendimentos com a Associação Comercial, Federação das Indústrias e Associação Rural, no sentido de ser o problema ventilado nestas entidades e por estas auxiliado para a modificação do atual estado de coisas.

3.º) Rotary Club — Clube dos Leões (palestras).

4.º) Criação de Comitês Distritais, apoiados nas entidades que trabalham em favelas, para propaganda, em reuniões familiares, com auxílio dos próprios favelados.

5.º) Rádio difusão — Televisão — Imprensa.

6.º) Exibição de filmes.

7.º) Constituição, em cada favela, de um comitê constituído por moradores locais chefiados por um Delegado do S.E.R.F.H.A.

IV — URBANIZAÇÃO DAS FAVELAS

1 — Estudo de cada favela no sentido de saber se pode ela ser mudada ou não, quem são os proprietários dos terrenos ocupados, procedendo-se ao levantamento topográfico da região.

a) Êste estudo ficará a cargo do Departamento de Urbanismo da P.D.F. que, no caso de ter de ser conservada a favela, apresentará seu estudo no sentido de sua integração urbana;

- b) A urbanização consistirá numa rua de acesso, pavimentada, iluminada, com água, luz e esgoto, à qual virão ter os caminhos de acesso às casas;
- c) As casas serão construídas pelos próprios favelados no regime da ajuda mútua dirigida (mutirão);
- d) Os materiais serão vendidos a prazo pela Cooperativa de Materiais, a ser instalada pelo S.E.R.F.H.A.;
- e) O S.E.R.F.H.A., por intermédio dos Distritos de Obras, manterá um corpo de mestres de obras, que irão, após aprendizagem, ensinar ao favelado como fazer sua casa;
- f) Os serviços de urbanização serão executados pelos Distritos de Obras da P.D.F.

2 — O S.E.R.F.H.A. promoverá entendimentos com os proprietários dos terrenos onde se achem construídas as favelas, no sentido de estabelecer um acordo por intermédio do qual se obterá a cessão de uma parte do terreno mediante a liberação do restante.

Casas de cômodos e hospedarias

Proceder a rigorosa fiscalização nas casas de cômodos e hospedarias de modo a que sejam cumpridos os dispositivos constantes do Decreto 6.000.

Casas desabitadas

Proceder ao levantamento de todas as casas desabitadas no Distrito Federal, procurando saber quem são seus proprietários, promovendo sua reforma e consertos, de modo a torná-las habitáveis, financiando-se o serviço e estabelecendo-se condições especiais para sua locação.

Seminários

1 — Uma vez tomadas as principais medidas acima enumeradas deverá-se promover um seminário local, a que comparecerão todas as entidades que se ocupam do problema, para que seja o mesmo amplamente discutido e se formulem diretrizes.

2 — Realizado este seminário se promoverá Seminário Nacional da Habitação, no Rio de Janeiro, sob o patrocínio da P.D.F. e auxiliado pela O.N.U. e O.E.A., onde então se estabelecerão diretrizes definitivas.

* * *

Posteriormente, como dissemos, a P.D.F. criou o S.E.R.F.H.A. (Serviço de Recuperação de Favelas e Habitações Anti-Higiênicas) que, por motivos que não vêm a pêlo mencionar, não funciona, apesar de nós, do seu Conselho Técnico, têmos procurado por todos os meios a nosso alcance fazê-lo funcionar.

A exemplo de que fez a Prefeitura de Porto Alegre, que pelo Decreto n.º 982, de 18 de dezembro de 1952, criou uma taxa de 3% por metro qua-

diado, pago à boca do cofre, ao ser concedida a licença de construção, para os prédios que excedessem de 150m², poderia ser criada a mesma taxa aqui. Este pagamento seria deduzido dos impostos, durante anos. Em outras palavras: seria um empréstimo compulsório, amortizável pela dedução no pagamento dos impostos. Ainda se poderia criar uma taxa de Cr\$ 10,00 a ser cobrada por prédio, mensalmente, aumentada para Cr\$ 25,00 para as casas de comércio e indústrias. Esta taxa seria cobrada em selos por ocasião do pagamento do Imposto Predial, e os selos seriam apostos nos recibos dos aluguéis. Não se diga, pois, que não há como atender ao problema, e ainda este atendimento seria feito de um modo suave por toda a população do Distrito Federal, que tanto mostra se interessar pela extinção das favelas.

Não seria possível que um único órgão se ocupasse de todos os problemas de que carecem as favelas, pois tal órgão se transformaria em um estado dentro do Estado. O de que necessitamos é que funcione o S.E.R.F.H.A. como órgão de coordenação e a parte de execução fique a cargo da Fundação Leão XIII, que foi criada para este fim, em cooperação com as entidades que já trabalham nas favelas.

Seja-me lícito ainda abordar outro aspecto: as grandes vantagens das obras privadas de beneficência e o papel que podem representar na melhoria da situação presente, cuja gravidade é óbvia.

Monsenhor JEEN RODRIN, prefaciando um trabalho sobre a caridade, intitulado — *La charité a-t-elle fait son temps?* — publicado pela *Chroniques Sociales* nos diz:

Se tivesse que defender, atualmente, as Obras Privadas, faria ressaltar um argumento e um só: quanto mais as leis tendem para uma exata justiça social, quanto mais as instituições oficiais traduzem, felizmente, esta oportuna justiça social, mais então se torna necessária a obra privada ela é necessária à saúde moral do indivíduo.

E ainda do mesmo autor:

1.º) A obra privada, e só ela, provoca o contato com a miséria. Nada substitui o contato. O jardineiro que leva consigo o filho para enxertar as roseiras (e arranhar as mãos com os espinhos das roseiras) ensina-lhe cem vezes melhor a horticultura que todos os volumes das especialistas.

Contato — já o mau rico do Evangelho olhava, sem o ver, o pobre Lázaro, porque na sua própria casa ele usava uma escada diferente. Creio ser necessário que o jovem entre no hospital, visite a prisão, vá servir numa Cidade-Socorro, colabore num Lar Norte Africano.

Contato — esse jovem aprenderá assim cem vezes mais que num filme ou quando, da sua cadeira, ele segue uma reportagem sobre as prisões no quadro da televisão.

A obra privada é necessária à pedagogia do humano. Ela é indispensável à sua espiritualidade. Não levo a sério um militante

visitador que não visite e visite regularmente, os doentes de um hospital ou os prisioneiros de uma prisão. O verdadeiro ascetismo é este. O resto, é anemia espiritual. É vento; palavras.

2.º) Um desenvolvimento no espaço. A obra privada leva cada um a encarar a miséria na escala mundial, a verdadeira obra privada tem as mesmas perspectivas. Desde dez anos, milhões de pessoas deslocadas foram, sem solução de continuidade, salvas, alimentadas, transportadas, implantadas.

Seriam, em 1957, milhões de cadáveres sem este emprego único, novo na História da Humanidade.

Isto foi realizado, concomitantemente, por instituições oficiais e privadas. Na fronteira húngara, encontramos uns e outros no serviço dos refugiados.

Cada um com suas características próprias. Cada um com suas equipes. Uns e outros se completando.

O homem atual se expandirá com a obra privada, contanto que esta esteja nas dimensões do mundo em que ele vive.

Entre nós são inúmeras as obras de beneficência, de caráter privado. Percorrendo o Brasil, encontraremos em tôdas cidades uma Santa Casa, cuja origem vamos encontrar num legado. Em geral estes hospitais são mantidos pelas contribuições do povo.

Já na segunda metade do Século XIX, encontramos no Nordeste o Padre JOSÉ ANTÔNIO MARIA IBIAPINA, uma das maiores figuras apostólicas do Brasil, com a sua assistência às populações das então províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

É bem conhecida a obra de IRMÃ BREVES, em Fortaleza, do Padre CACIQUE, em Pôrto Alegre, e assim por diante.

No Rio de Janeiro, as nossas favelas são sempre assistidas por almas caridosas que procuram, com suas pequenas instituições, minorar-lhes os sofrimentos.

Padecem elas tôdas de um grande defeito: o Paternalismo. E se de um lado amenizam, materialmente, a situação do miserável, do outro o aniquilam cada vez mais, pois o habituam a viver da esmola.

Ainda de JEAN RENAUDIN são as seguintes palavras:

Num mundo de perturbados pelo ódio, pelos choques, a obra leva a luz da caridade, arena indispensável à paz social. Paciente e calma, ela faz chegar a todos, especialmente aos deserdados e aos que sofrem, o verdadeiro espírito do amor. Esta caridade, vós a viveis como uma prática cotidiana, e graça à regeneração que proporcionais, sois promotores da justiça social, animadores da justiça social e prolongamentos da justiça social.

Vossa caridade não consiste em dar, a título de esmola, o que é devido por justiça e sabeis que não será concedendo alguns dons que satisfazeis às obrigações da justiça.

É necessário que nós compenetrems de que não basta dar em espécie ou em objetos alguma coisa, é necessário que demos um pouco de nós mesmos, para que o indivíduo que caiu em estado de miséria, possa se levantar.

Dizia poeta inglês, quando escreveu um soneto a respeito da oportunidade, que nunca um homem cai tão baixo que se não possa levantar.

A miséria, segundo RENÉ SAND — *Le Service Social à travers le Monde*, é um círculo vicioso. Uma família, uma vez caída na miséria, dificilmente dela sairá pelos seus próprios meios; a falta de meios, o enfraquecimento físico e moral, a impossibilidade de encontrar ou realizar um trabalho remunerado encadeiam-se reciprocamente e exercem seus efeitos não somente sobre os pais, mas também sobre as crianças.

Não esqueçamos que:

A miséria traduz uma impotência, um defeito de adaptação entre o homem e o seu meio.

Ora são as forças que faltam ao pobre! ele é débil ou enfermo do corpo ou do espírito, gasto pela idade, a doença, o trabalho, as privações; é a *incapacidade orgânica*. Ora é a família que está desequilibrada pela morte, deserção, negligência ou má conduta do pai ou da mãe! é a *incapacidade familiar*. Ora é o salário que é insuficiente; ou ainda os recursos são mal utilizados, por falta de previdência dos pais, ou de uma boa educação doméstica da mãe; ou então o desemprego, retira ao trabalhador seu ganha pão: é a *incapacidade econômica*.

O problema é por demais complexo, e se o abordei foi justamente para que o vejamos com clareza e não continuemos a atribuir à malandrice o que é apenas fruto de circunstâncias alheias ao indivíduo.

CASTRO BARRETO (*Estudos Brasileiros de População*) escreveu:

Só assoalha que o brasileiro é preguiçoso quem nunca o viu trabalhar; quem é tão ignorante que, tendo sob os olhos um desgraçado compatriota, analfabeto, verminado, subalimentado, abandonado dentro de uma miserável palhoça sobre a terra encharcada, confunde a miséria e esse abandono com a preguiça; nenhum ser humano seria capaz de fazer mais do que ele faz, ainda assim. É prodigiosa, apesar de tudo, a capacidade de nosso trabalhador, só comparável no seu espírito de sacrifício mourejando subalimentado, sob as têças, parasitado pelo necator, bipoemico, ulcerado, no mais absoluto desconforto.

Nos meus 37 anos de exercício da profissão de engenheiro, nem sempre gozei do conforto da cidade, mas sempre em contato com o operário, confirmo o que disse CASTRO BARRETO.

O que é necessário, sobretudo, é que o nosso homem seja educado: educado no mais amplo sentido da palavra.

É por meio da educação que conseguiremos, ao fim de algumas gerações, modificar o atual estado de coisas. Sobretudo educando a mulher. Não será, evidentemente, “dando” que obteremos o nosso fim. Disse JOHN GRAHAM sobre o problema da habitação na Escandinávia:

Em segundo lugar, o subsídio governamental corrói completamente o indivíduo que passa pelo infortúnio de viver numa casa subsidiada, desgraça que lhe imprime marca, de que jamais se livrará.

Quer se trate do governo, quer de obras privadas, devemos sempre agir sem ofender o sentimento da dignidade de cada um, sentimento este que se exalta todos os dias, e que faz com que seja mal recebido todo donativo gracioso.

O indivíduo necessita se esforçar para obter alguma coisa. Já disse velho poeta português BRAS GARCIA DE MASCARENHAS (1596-1665):

Que a coisa que com mais dificuldade
Foi adquirida, sempre é mais procurada.
Nenhuma muito fácil se sublima
Que o que pouco custou pouco se estima.

Em qualquer caso, é sempre preferível a organização privada, subsidiada pelo Estado, pois segundo ANDRE LAVAGNE: *Les oeuvres de bienfaisance — Charité et Liberté*:

Criação de homens livres, ativos e concretos, somente a obra privada tem a eficácia rápida, a maleabilidade, a faculdade de se movimentar, de se transformar, de se adaptar e de agir com a elasticidade da vida.

Se a ela perdesse sua liberdade, perderia bem mais da sua utilidade prática; ela se perderia ela mesma, porque a caridade supõe, como uma necessidade absoluta, a liberdade.

Não é possível que além do mal da dádiva ainda se procure cercear a liberdade do indivíduo. Sobretudo do ponto de vista dogmático.

O empreendimento é grande e difícil, mas não devemos desanimar, pois deixaremos aos nossos filhos uma estrada menos áspera, e tal é o nosso dever.

GEORGES DUHAMEL escreveu:

A grandeza do homem foi sempre, é ainda e será até os fins dos nossos tempos, de se dedicar a obras difíceis, a obras sem esperanças, de carregar fardos sem nenhuma recompensa, de cuidar dos velhos, que bem sabemos que estão condenados, de beijar os leprosos na face, de olhar de frente tudo o que nos lembra o sentimento de humildade original.

Como já dissemos, o nosso problema principal é o da educação. Devemos, no dizer de RENATO BARBOSA, fazer da Escola um Templo e da Educação uma Religião, e, quando tivermos levado a cartilha do ABC a todos os

brasileiros, quando tivermos conseguido restabelecer as famílias, quando conseguirmos dar a cada um o meio de assegurar sua subsistência, quando tivermos proporcionado os meios para obtenção da casa, alugada ou própria, de consciência tranqüila, podemos repetir com GUERRA JUNQUEIRO:

E depois de ter dado enfim estas lições,
Podereis suprimir os vossos esquadrões,
Entregar à lavoura os braços dos soldados,
E caminhar na rua, à noite, desarmados,
Deixando sem receio a vossa casa aberta,
Um polícia estará continuamente alerta,
Um polícia gratuito, universal, austero,
Vigiando e aguardando assim com um cerbero,
Desde o melhor palácio à última choupana
Esse polícia é Deus — a consciência humana.